



## Editorial



Parece que o mundo inteiro, ao mesmo tempo, começou a pensar o tempo. O que significa que não se pensa nele já há algum tempo. Demasiadamente ocupados, como hordas de “zumbis”, insanamente seguindo rotinas estafantes, estressantes, delirantes, o tempo era algo que faltava para a saúde mental voltar. A pandemia de COVID-19 veio “remediar” isso freando bruscamente as rotinas diárias. Ninguém que esteja vivo – a menos que tenha mais de 100 anos – testemunhou algo similar: o tempo “sobrou”. Qual a nossa surpresa, no entanto, quando desvelamos o mal estar trazido pela “falta do que fazer”. Mais de ano em isolamento forçado e o “tempo de sobra” tornou-se outro anátema, tal qual a “falta de tempo”. Por isso, discutir o tempo está na moda.

Motivados pelas mesmas razões, a Revista Cactácea inaugura o primeiro número com um dossiê temático refletindo sobre os poderes da temporalidade sobre nós, humanos.

O primeiro texto, que muito honra esta recém-nascida revista, é do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, “O Tempo, a pandemia e a desigualdade”. O autor apresenta a antiquíssima relação entre o tempo e a permanente desigualdade que vivem as classes subalternas: “a produção de escassez é o princípio básico do funcionamento do tempo no século XXI”.

Segue o texto intimista de Ivelton Silva, “Entropia, a seta do Tempo que não volta – Um relato (In)formal de um professor”, que trata do enfrentamento emocional do

cárcere produzido pelo excesso de tempo livre, porém, paradoxalmente, limitados pelo isolamento social, a utilizá-lo livremente. O tempo, então, está sendo “jogado fora”, já que não é possível recuperá-lo?

Para voltar a pôr os pés no chão, “Ressignificações do tempo na física e na pandemia”, de Lucas Felipe de Souza e Sandro Adrián Baraldi, perpassa pelos diferentes significados assumidos historicamente dando ênfase à Física, e sugere uma possível resposta ao texto anterior.

O texto de Ofélia Maria Marcondes, “A dimensão temporal em tempos pandêmicos”, caracteriza-se por ser uma reflexão antropológica: afinal o tempo contemporâneo é nosso amigo ou inimigo? Discute a *ratio* entre trabalho, teletrabalho, desigualdade e justiça moral.

O texto de Sandro Adrián Baraldi, “*Tempus fugit?* O tempo não foge. O tempo não existe.”, reflete sobre a existência do tempo. Sob uma ótica filosófica, busca nos convencer de que o tempo é só uma narrativa inventada e que, portanto, podemos fazer o que quisermos com ele, inclusive desobedecê-lo.

Esses ensaios são acompanhados por dois bem-vindos textos pragmáticos. O primeiro, de Jéssica Maria N. de Oliveira, “Adaptação do ensino de Física durante a pandemia: uso do jogo ‘Banco do Quantum’ para o ensino de Física Quântica”, propõe uma alternativa para tornar o ensino-aprendizagem da Física mais atraente utilizando conceitos de jogos e aplicável ao ambiente remoto. Segue “Diferentes percepções sobre o tempo pedagógico no Ensino Híbrido”, de Larissa D. Cugler, que apresenta uma bem embasada visão do atual momento “híbrido”, parte presencial, parte remoto e, assim, desenvolve uma situação pedagógica reflexiva para professores e alunos.

Boa leitura!

S. A. B.